

**NOTÍCIA EXPLICATIVA
DA FOLHA 6-D
VILA POUCA DE AGUIAR**

**H. Sant' Ovaia
M.A. Ribeiro
H. Martins
F. Noronha**

**UNIDADE DE GEOLOGIA E
CARTOGRAFIA GEOLÓGICA**

**LABORATÓRIO NACIONAL
DE ENERGIA E GEOLOGIA**

LISBOA 2011

COLABORADORES:

M.Luisa Ribeiro, Catarina Moniz e Rúben Dias – Introdução à Geomorfologia (LNEG – Unidade de Geologia e Cartografia Geológica).

Yolanda Pedrosa, Ana Paula Pereira e José Sampaio – Hidrogeologia – (LNEG - Unidade de Águas Subterrâneas).

João Cardoso – Arqueologia – (Universidade Aberta).

Ao Auxiliar Técnico de Geologia Joaquim de Lima*, bom companheiro, que conosco colaborou na realização dos trabalhos de campo.

* Joaquim Lima iniciou a sua carreira como prospector na Junta de Energia Nuclear entre 1960 e 1970, ingressou então no Serviço de Fomento Mineiro e depois Instituto Geológico e Mineiro, predecessor do LNEG. Participou em inúmeros levantamentos de cartografia geológica em regiões do centro e norte do país e colaborou na formação de campo de jovens geólogos durante mais de 40 anos de serviço prestado àquelas instituições.

IX. – ARQUEOLOGIA

Pré-História

Na área da folha são conhecidos diversos monumentos funerários megalíticos, por vezes conservando ainda os restos das respectivas mamôas, dos quais alguns se encontram registados.

Avultam, pela importância, o conjunto de dólmenes da Serra do Alvão, formando uma necrópole conhecida desde finais do século XIX. Com efeito, estes monumentos, possuindo câmara e/ou câmara e corredor, mais ou menos desenvolvido, forneceram um estranho conjunto de artefactos líticos insculturados, transformando-os em objectos singulares no quadro da Arqueologia portuguesa. Trata-se de representações de figuras geométricas ou astrais, nuns casos, noutros de carácter zoomórfico ou mesmo antropomórfico, reconhecendo-se até uma ocorrência com a gravação de sinais alfabéticos.

Tendo sido objecto de exaustiva e cuidada reprodução por um dos autores das explorações (Brenha, 1899/1903), desde logo estalou a polémica sobre a sua autenticidade e antiguidade.

Sendo inquestionável a impossibilidade de poderem ser atribuídas à época pré-histórica, pelo que não são coevas da utilização primária dos monumentos, também não é menos certo que as condições de descoberta, presenciadas pelos seus exploradores, permite afastar a hipótese de falsificação grosseira. Assim, é de considerar a possibilidade que faz atribuir a tais manifestações

artísticas actividades de bruxaria, desenvolvidas em épocas históricas indeterminadas, talvez no decurso da Alta Idade Média; não deixa, no entanto, de ser estranho, o facto de constituírem a única evidência de tal possível prática, no actual território português, sem prejuízo dos múltiplos vestígios documentados sobre a reutilização de dólmenes na época romana e ulteriormente.

Reconheceram-se igualmente diversos sítios com ocupação pré-histórica de carácter habitacional. O povoado mais relevante é o de Castelo de Aguiar, explorado arqueologicamente em 1982 e 1984. Ali se identificou uma sequência estratigráfica e espólios que revelam ocupações neolítico/calcolíticas (Jorge, 1986, p. 573 e seg.).

Proto-História

Na área da folha encontram-se identificados diversos castros da Idade do Ferro, que, no todo ou em parte, atingiram a Romanização. Alguns deles encontram-se nela cartografados. O inventário dos castros e dos monumentos e sítios relacionados com a Cultura Castreja, na área interessada pela folha, foi efectuado por Armando Coelho Ferreira da Silva (Silva, 2007), integrando inventários de outros autores, com destaque para os de F. Sande Lemos (Lemos, 1993) e de A. Medeiros Freitas (2001), este último respeitante à Carta Arqueológica do concelho de Valpaços. A assinalável quantidade de ocorrências é expressiva da importância do povoamento da Idade do Ferro e dos inícios da romanização na região.

A folha assinala ainda, como castro, as "Pias dos Mouros", interessantíssimos altares rupestres a que se acedia por degraus, onde se efectuava o sacrifício de animais à divindade, cujo sangue se recolhia em diversas pias escavadas na rocha granítica. O monumento situa-se junto da povoação de Argeriz, freguesia de Carrazedo de Montenegro, e é de fácil acesso (Freitas, 1978, 2001). Este importante monumento, no aspecto que hoje assume, inscreve-se na época da presença romana na região, embora a sua origem deva remontar à Idade do Ferro, razão pela qual se inclui ainda neste capítulo.

Época romana

Com a plenitude do domínio romano, verifica-se a intensa, exaustiva e completa exploração dos recursos minerais da região, com destaque para o ouro. Entre todos os vestígios conservados, avultam os grandiosos testemunhos, conservados a céu aberto, a Norte da povoação de Tresminas. Tais trabalhos recorreram também à execução de galerias subterrâneas, e requeriam notáveis quantidades de água, fosse para o desmonte dos terrenos (técnica da ruina montium), fosse para a lavagem do minério ou, mesmo, para o eventual accionamento de máquinas hidráulicas relacionadas com a trituração dos blocos mineralizados, através do sistema de pilões (ver, por todas as publicações relativas a Tresminas, Martins, 2005).

Tais volumes de água eram assegurados por barragens de aterro construídas nas imediações, de que se registaram duas ocorrências, respectivamente em Outeiro e em Tinhela de Baixo, sendo a primeira de planta rectilínea e a segunda de desenvolvimento curvilíneo (Almeida, 1973; Martins, 2005).